



Soft skills na agenda

O desenvolvimento de competências socioemocionais deve entrar no currículo das escolas e é valorizado no mercado de trabalho

MARIA LUIZA CAMPELO*

Além do conhecimento formal presente nos livros didáticos, a escola tem a missão fundamental de trabalhar com os estudantes o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, também conhecidas pelo termo em inglês soft skills. São competências cada vez mais valorizadas pelo mercado de trabalho e também essenciais para a vida em sociedade. Comunicação, empatia, criatividade, liderança e resiliência começam a ser aprendidas na infância e impactam em toda a vida, principalmente na fase adulta.

A educadora especialista em infância e adolescência Priscilla Montes explica que, na primeira infância, a criança está formando suas bases emocionais e sociais. “É nesse momento que ela aprende a confiar, a se relacionar e a lidar com pequenas frustrações. Quando esse cuidado é bem feito, lá na frente a criança terá mais facilidade em desenvolver habilidades como comunicação, empatia, colaboração e resiliência. Ou seja, investir na primeira infância é investir nas soft skills que ela vai carregar por toda a vida escolar.”

Habilidades como autorregulação emocional, empatia, comunicação e resolução de conflitos são as mais importantes na fase inicial, destaca a especialista. “Uma criança que aprende, por exemplo, a esperar a sua vez ou a expressar o que sente leva isso para a sala de aula. Ela vai conseguir se concentrar melhor, relacionar-se bem com os colegas e ter mais disposição para aprender. Isso impacta diretamente no ensino fundamental e no médio.”

Na prática escolar, esse olhar começa muito cedo. “Com dois anos, a criança está começando a transicionar para saber que existe para além de si. Nosso papel é apoiar esse reconhecimento do outro. Os professores precisam emprestar suas próprias soft skills para que as crianças amadureçam as delas”, afirma Débora Cândido, orientadora educacional da Open to New Experiences School (ONE School).

As expectativas e práticas variam conforme a idade. “Com crianças maiores, de 4 a 8 anos, abordamos temas como liderança, responsabilidade e as consequências dos atos. Nosso currículo interno está alinhado à BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que estabelece o que se espera em cada faixa etária”, detalha Débora.

Ela conta que o projeto One Kind World é um dos pilares do colégio: “Nosso valor principal é a gentileza. Trabalhamos, por exemplo, a comunicação não violenta: ‘Olha, a sua maneira de falar com o colega não foi gentil. Escolha outro tipo de comunicação’”, exemplifica.

As consequências desse trabalho aparecem nos anos

Minervino Junior/CB/D.A Press



Pedro Fonseca com o filho Joaquim: desenvolvimento de autoconfiança desde pequeno

Para saber mais

Confira algumas das soft skills mais importantes para crianças:

Comunicação: base para liderança e boa adaptação

Resolução de conflitos: cria relações saudáveis e respeito ao outro

Criatividade: deve ser estimulada desde cedo

Empatia: fortalece vínculos e colaboração

Responsabilidade: ajuda a lidar com consequências e desenvolver autonomia

Fonte: Débora Cândido, da ONE School

nomear as próprias emoções, tem estratégias para lidar com elas e participar melhor de ambientes coletivos”, afirma Débora.

A educadora Priscilla Montes reforça que o impacto é direto: “Conteúdo e soft skills podem andar juntos. A escola pode trabalhar cooperação em atividades em grupo, pode estimular escuta e empatia quando surge um conflito no recreio, ou incentivar a criança a falar sobre o que pensa em sala de aula. São situações simples do dia a dia que, quando orientadas de forma intencional, ajudam muito no desenvolvimento socioemocional”.

Colaboração

A colaboração das famílias é fundamental para garantir esse desenvolvimento. “Os pais podem observar se a escola realmente coloca isso em prática, e não só no papel. Vale perguntar como ela lida com conflitos, se incentiva a criança a se expressar, se valoriza o trabalho em equipe. Uma escola que olha para o ser humano

integral vai além do boletim: ela também se preocupa com a convivência, a escuta e as relações”, orienta Priscilla Montes.

Pedro Fonseca, orientador parental e pai de João, 17, Irene 13, Teresa, 11, e Joaquim, 8, resume a expectativa dele e da mulher, Lua: “A premissa básica para a gente é que a escola consiga desenvolver uma verdadeira parceria com a família e acolher as crianças. Para nós, as habilidades socioemocionais são o item de maior importância”.

Esse trabalho, na avaliação de Pedro, tem reflexos claros dentro de casa. “O que mais vejo nos meus filhos hoje é autoconfiança. São crianças seguras de si, capazes de falar o que sentem, de se posicionar e até de repactuar as coisas em casa. Já vivemos momentos em que isso faltou, e é muito doloroso ver uma criança sem acreditar em si mesma. Hoje, sinto que eles estão crescendo saudáveis emocionalmente.”

*Estagiária sob supervisão de Mariana Niederauer

seguintes. “Esse aluno chega ao ensino médio mais seguro, crítico e preparado. Consegue